

Resumo Alargado

Alcântara é o mais extenso vale de toda a cidade, encontrando-se localizado na zona ocidental da cidade de Lisboa. Este é o modo mais suave de se alcançar a cota do rio Tejo desde as partes altas da cidade lisboeta. Esta zona da cidade era em finais do século XVI um espaço com características campestres, inserido nos arredores da cidade. Lentamente foi-se transformando e passando de um descampado para um local privilegiado de lazer e recreio da nobreza e família real. A sua paisagem verde e a límpida ribeira que desenhava o local, davam ao local um ambiente tranquilo.

Esta foi a realidade vivida até meados do século XVIII, quando em 1755 se deu o grande terramoto que destrói grande parte da cidade histórica de Lisboa. Muita população optou então por fugir do centro da cidade e vir fixar-se junto à foz da ribeira de Alcântara. É neste ambiente de reconstrução de Lisboa que Alcântara nasce.

Com o brusco desenvolvimento que se dá em Alcântara, esta assume uma nova vocação: a vocação industrial. Aqui encontravam-se reunidas ótimas condições para a exploração da indústria, com a presença da Serra de Monsanto e da Ribeira de Alcântara. Surge assim neste contexto, *A Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense*, que adquire um lote constituído por cerca de 36 000 m², servido a norte pela rua do Calvário (actual rua 1.º De Maio), a nascente pela propriedade do barão de Alcochete, aquela que anos antes a Companhia tinha a intenção de comprar, e ainda confinado de frente para o rio Tejo.

Esta cria em Santo Amaro um edifício industrial inovador. Um grande edifício composto de pedra e ferro, cuja sua construção é iniciada em Junho de 1846. O esquema adoptado por João Pires da Fonte para a construção da fábrica de Santo Amaro privilegiou a solarização. Orientando assim o edifício no sentido perpendicular ao rio, sempre com uma distância que salvaguarde a possibilidade de expansão da fábrica. O resultado é um extenso bloco paralelepípedo, composto por quatro pisos, medindo 16,5 metros de altura e com uma planta de 123,5 x 20,7 metros. A composição interior do edifício tenta reproduzir um espaço livre e polivalente, que suporte facilmente todo o tipo de maquinaria, para isso utiliza-se uma estrutura metálica no seu interior que compõe grandes naves, com duas fileiras de colunas no seu interior, cada uma delas com 23 colunas de 3,34 metros de altura, que distam da mais próxima 3,05 metros e 6,2 entre fileiras. Criando secções rectangulares que aproximadamente correspondem a um duplo quadrado.

Este cenário industrial deixou marcas que estão presentes até hoje. Mesmo da maior parte das indústrias terem já sido encerradas, levando a que espaços com elevado valor arqueológico encontrem-se actualmente em condições de abandono. Por esta razão tem-se vindo à muitos anos a falar de um plano de ordenamento do território que requalifique toda esta área. Este plano, que envolve todo o vale de Alcântara, está há bastantes anos num impasse de decisões. As ideias e os projectos vão variando conforme os governos. o que se encontra apresentado é um estudo prévio de um Plano de Urbanização realizado pelo arquitecto Manuel Fernandes de Sá.

Segundo o estudo prévio deste plano, o principal tema a tratar no plano de urbanização é a reformulação do nó ferroviário de Alcântara, quer no que toca ao acesso ao terminal de contentores de mercadorias do porto de Lisboa, quer a nova ligação entre a linha de Cascais e a de cintura.

Como forma de contrariar este sentimento de inutilidade deixadas neste grandes complexos industriais, surge na antiga fábrica da Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense um projecto de reaproveitamento e reutilização das estruturas disponibilizadas: a *LX Factory*. A reutilização de um espaço como estes foi feita através de atribuição de actividades relacionadas com a cultura. Desenvolvem-se aqui um novo conceito de espaço, aberto à sociedade através da cultura e do laser, permitindo que qualquer pessoa possa conhecer este local, como um verdadeiro espaço público. Deixando deste modo o alerta da problemática, longa e incontornável espera, necessária para se meter em execução um plano de ordenamento do território.

A *LX Factory* criou uma unidade de produção, conseguindo naquele espaço cheio de histórias da indústria, juntar uma nova realidade industrial – a indústria criativa do século XXI. Um centro empresarial que proporciona a transacção de *produtos culturais*. Actualmente movimenta “legiões”¹ em seu redor todos os dias. É um local que aparenta um ambiente calmo, como uma espécie de refúgio ao típico ambiente caótico e agitado que se vive no centro das grandes cidades.

O conceito deste projecto passa tentar associar o funcionamento deste espaço ao dum centro comercial. Procurando-se encontrar as *empresas âncoras* para ocuparem os primeiros lugares com forma de dar prestígio ao local. Esta foi a forma encontrada para criar um espaço auto-suficiente, que funcionasse como um qualquer outro investimento (procurando gerar receitas). É neste aspecto que

¹ Por dia entram na *LX Factory* por volta das 2 779 pessoas, sem ter em conta os visitantes que frequentam eventos particulares (como festivais, concertos ou exposições).

entramos noutro assunto que revela uma grande importância: a Industrialização da Cultura.

O aparecimento deste tema está associado com o estado actual das cidades. Estas deixaram, com o aumento de diversidade e complexidade, de ser associadas a elementos estáveis e sólidos, para se tornarem líquidas e ajustáveis, criando cada vez mais referências temporárias entre utilizações e funções urbanas.

As cidades passaram a ser alvo de grandes alterações ao longo do último século. Novos valores económicos potencializam actividades mais rápidas e práticas, deixando muitas vezes para trás os valores da cultura e da tradição. Vivemos hoje num meio controlado pelo poder financeiro e económico, onde a exploração aumenta cada vez mais, deixando para trás um rasto que desfigura muitas das vezes a história e as tradições que nos prendem às nossas raízes. As cidades globais são portanto, cidades consumistas, em busca de uma afirmação individual.

A industrialização da cultura é a resposta de uma sociedade contemporânea que procura a afirmação individual, recorrendo para isso à procura de bens que a distingam pessoal e culturalmente. É neste conceito que a comercialização e industrialização da cultura e da criatividade fazem cada vez mais sentido, sendo já introduzidas técnicas de gestão de mercado nesta área em busca de um certo *fordismo*². As indústrias culturais são portanto, aquelas cuja tecnologia permitia reproduzir em série bens que faziam parte da cultura (como forma de incentivar ao consumo de massas).

A reprodução enquadrava-se inicialmente, nas categorias da imagem, da música e das palavras (literatura), fazendo parte das *culturas de tradição*, conseqüentemente o cinema, a produção de suporte de música gravada (discos, CDs e cassetes) e a edição de livros e revistas, entre outras, foram consideradas pela maioria como Indústrias Culturais. Com o desenvolvimento tecnológico estas acabaram por também se expandir para plataformas mais amplas.

A cultura têm sido um elemento transformador, com a potencialidade de regenerar espaços, cidades e sociedades. É importante que o desenvolvimento de espaços culturais corresponda à procura cultural. Em vez de nichos de utilizadores culturais deve-se procurar abrir a cultura a novas interpretações, começando assim a cativar públicos mais variados.

² Um mecanismo de produção em massas.

Foi na procura de novos espaços culturais e da atracção de novos públicos que se começaram a utilizar espaços industriais que recentemente haveriam perdido a sua utilidade. São locais que estabelecem uma importante relação com a *paisagem vernacular da cidade* (Sharon Zukin), criando uma ligação com um período e uma parte da histórica da cidade, e ajudando a criar o tal “sentimento de afirmação” em relação a quem utiliza estes locais.

Executive Summary

Alcântara is the longest valley of Lisbon. This valley is located at the western part of city and makes a smooth way to achieve the high part of the city. In the late sixteenth century this area of the city was part of the Lisbon suburbs. It was an area full of agriculture fields and some construction associated with this activity. Over the years this place was slowly changing from open agricultural field to a place of leisure where the royal family and aristocracy like to go. Alcântara was very attractive because of the green landscape, the clear and clean watercourse and mostly because it was away from the confusion present in the city centre.

This reality existed until the middle of the eighteenth century. When in 1755 occurred the great earthquake that destroyed much of Lisbon city (what today corresponds to the historic part of Lisbon). After the earthquake people got scared and tried to escape from the city centre into more undeveloped regions. Because of this reason Alcântara experienced a big growth in the next few years.

With this sudden development Alcântara combines has a new vocation: the "industrial city". Here were gathered optimal conditions for the exploration of industry like the presence of the Serra de Monsanto and Ribeira de Alcântara. It was in this ambiance that Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonenses buys a lot. Consisting by approximately 36 000 m² served by rua 1^o de Maio. This plot was right in front of the riverside.

Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense created an innovative industrial building in Santo Amaro. A large building made of stone and iron. Whose construction begun in June 1846. The building was designed by João Pires da Fonte and for his construction solarisation was privileged by guiding the building in the perpendicular direction of the river. Always keeping a distance that preserves the possibility of expanding the plant. The result is a long parallelepiped block, composed by four floors measuring 16.5 meters in height and with a plan of 123.5 x 20.7 meters. The composition inside of the building tried to reproduce a clear and comprehensive space, supporting easily all kinds of machinery. A metal structure is used inside to provide large spaces divided only with two rows of columns inside. Each one with 23 columns of 3.34 meters height. They are 6.2 meters distant from the ones in the same row and 3.05 meters between rows. Creating a rectangular section that roughly corresponds to a double square.

This industrial landscape has left marks that are still present today. Even though the majority of these industries are now closed leading to areas of high archaeological value abandoned. Because of this reason for many years it has been talked about a plan to reclassify this entire area. This plan involves the whole valley of Alcântara and it has been for many years in stalled decisions. The ideas and projects will vary according to governments. At this time what is presented is a preliminary study of an Urban Plan conducted by the architect Manuel Fernandes de Sá.

According to this previous study of the plan the main topic to be discussed is the reformulation of the railway junction of Alcântara and the access to the container terminal of goods from the port of Lisbon.

In order to counteract this feeling of uselessness left by these large industrial complexes it appears in the former factory of the *Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense* a reutilization project taking advantage from the existent facilities: the LX Factory. The reuse of an area like this was done through the allocation of activities related to culture. A new concept of space was developed here. One opened to the society through the use of culture allowing anyone to know this place as a true public space. This way the problem caused by the long wait necessary for implementing a urban plan was left exposed.

The LX Factory has created a new production unit. Creating in this place filled with stories a new industrial reality - the creative industry of the XXI century - a business centre that provides the transaction of cultural products. Currently lots of people are moved around here every day. It is a place that seems calm like a sort of refuge to the typical hectic and chaotic environment that we live in the centre of large the cities.

The concept of this project is to associate the function of this space to a shopping centre by searching the anchor companies to occupy the first places giving this way shape and prestige to the site. This was the method used to create a self-sufficient investment that would work like any other investment (generating revenue). We are now entering another subject that reveals a great importance: the Industrialization of Culture.

The appearance of this theme is associated with the current state of cities and with the increasing diversity and complexity they are no more associated with a stable and solid elements becoming liquid and adjustable, creating more and more references ventures between urban uses and functions.

Cities have become the subject of major changes over the last century. New economic values influence faster and practical activities, often leaving behind the values of culture and tradition. Today we live in an environment controlled by the financial and economic power where the exploration is steadily increasing leaving behind a trail that often distorts the history and traditions that bind us to our roots. Global cities are thus consumerist cities in search of an individual statement.

The industrialization of culture is the response of a contemporary society that seeks to assert themselves, using either the demand for goods that can distinguish us personal and culturally. It is this concept that the commercialization and industrialization of culture and creativity make more and more sense. New techniques are starting to be introduced to the managing of the market searching for certain *fordism*. Cultural industries are therefore those whose technology allowed reproduce in series culture proprieties (as incentive for mass consumption).

This reproduction fell initially in the categories of image, music and words (literature) integrating the cultures of tradition. Afterwards the film production the support of recorded music (records, CDs and cassettes) and the book publishing (magazines) were considered by most as Cultural Industries. With the technological development these also eventually expand into larger platforms.

The culture has been a transformative element, with the capability to regenerate areas, cities and societies. It is important that the development of cultural spaces correspond to the cultural demand. Instead of cultural niches of users must try to open the culture to new interpretations, thus beginning to engage audiences more diverse.

In this search of new cultural spaces and new audiences' industrial spaces that recently have lost its usefulness have begun to be used. They are places that provide a significant bearing on the vernacular landscape of the city (Sharon Zukin), creating a connection with a period and a part of the historic city and helping installing this "sense of affirmation" for those who use these sites .